

## ENTREVISTA

### PROF. DR. NEWTON CESAR BALZAN



*Newton Cesar Balzan é, atualmente, Assessor da Pró-Reitoria de Graduação da PUC-Campinas, é Professor Titular da Faculdade de Educação da PUC-Campinas e Professor Aposentado – Colaborador Voluntário – da Faculdade de Educação da Unicamp. Foi professor da rede pública do Estado de São Paulo durante mais de 20 anos, docente da UNESP, USP, PUC-SP, Universidade Católica do Chile (Campus Villarrica). Tem doutorado em Ciências (Educação) e desenvolveu projeto em nível de pós-doutorado - Visiting Scholar- na Universidade de Boston, USA. É bolsista-pesquisador nível 1-A junto ao CNPq.*

A entrevista a seguir foi concedida por e-mail pelo Prof. Newton Cesar Balzan especialmente para a Revista de Educação PUC-Campinas (REPC).

**Revista de Educação PUC-Campinas (REPC):** Prof. Newton, ao longo de sua trajetória acadêmica, o Senhor demonstrou sempre preocupação com a qualidade dos cursos de graduação. Começo, portanto, com uma questão a respeito da seleção para ingresso ao Ensino Superior. Em seu ponto de vista, a inclusão do conceito do ENEM como parte do processo seletivo de grande parte das instituições de ensino superior, bem como a criação de processos seletivos sequenciais, como o caso do PAIES, da Universidade Federal de Uberlândia, com provas realizadas pelos estudantes ao longo dos 3 anos do Ensino Médio, tem garantido melhor seleção dos alunos de graduação?

# Entrevista

**Prof. Newton Cesar Balzan:** Sim. Tudo aquilo que possa garantir uma maior democratização no processo de seleção para a educação superior é bom e válido. Tomei contato apenas uma vez com as provas do ENEM, há alguns anos. Achei excelentes, muito inteligentes as questões propostas. Se seus autores continuaram com a mesma abordagem e metodologia, considero válida a inclusão do conceito do ENEM como parte do processo seletivo para ingresso na educação superior. No entanto, vamos deixar claro: ENEM, PAIES e outras entidades afins devem primar sempre pela seriedade, pelo nível de excelência.

**REPC:** Prof. Newton, o Senhor foi coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Qualidade da Educação da PUC-Campinas. Em seus estudos, foi possível constatar melhoria da qualidade na educação superior nos últimos anos? Seria possível dizer que a acelerada expansão do sistema de ensino superior no Brasil foi acompanhada de aprimoramento da qualidade?

**Prof. Newton Cesar Balzan:** No caso da PUC-Campinas penso que o trabalho desenvolvido pelo *Grupo de Pesquisa sobre Qualidade da Educação em nível de Graduação* gerou resultados positivos. É importante destacar o fato de termos percorrido a maior parte dos cursos, apresentando os resultados gerais – PUC como um todo – e os resultados obtidos em relação a cada um dos cursos. Fizemos exposições e promovemos discussões junto aos diretores, coordenadores, professores e estudantes. Merece destaque, também, a publicação em dois números de *Série Acadêmica*, de informações sobre a metodologia utilizada na pesquisa e dos dados coletados a partir de itens abertos e discursivos. De modo geral, no entanto, penso que a qualidade da educação superior piorou muito nos últimos anos, dada a proliferação indiscriminada de instituições particulares por todo o país, onde o que importa é o lucro de seus proprietários e não a qualidade daquilo que é proporcionado aos estudantes. Estes acabam não contando com experiências reais de vida universitária e nem mesmo com a aquisição de uma cultura geral que os diferencie de quem nunca frequentou uma faculdade.

**REPC:** Esse processo de expansão foi acompanhado de crescente controle exercido pelo estado sobre todos os níveis educacionais por meio de processos de avaliação em larga escala, sob alegação de que tais avaliações teriam o mérito de garantir a qualidade da educação. O Senhor considera esta uma alternativa válida e que tem obtido os resultados esperados?

**Prof. Newton Cesar Balzan:** Acho que os critérios utilizados pelo Estado, nesse processo de controle, são frouxos, assim como são frouxos demais os critérios utilizados pelo Conselho Nacional para a concessão de abertura de novas faculdades e cursos. Neste ano, felizmente, foram canceladas as ofertas de vagas em diversos cursos, cujos números de ingressantes beirava o absurdo.

**REPC:** Esperava-se a interação entre os processos de avaliação institucional e as medidas de larga escala? Essa interação tem ocorrido?

**Prof. Newton Cesar Balzan:** Essa interação tem sido pobre na maioria dos casos. Tratando-se de Instituições Públicas, se, por um lado, há tempo e condições de trabalho para que ela ocorra, por outro lado há acomodação do corpo docente – “*cada um na sua*” – ignorando-se a necessidade de reflexão e revisão constante daquilo que se convencionou chamar *Missão da Universidade*, explicitada em seus objetivos gerais, assim como do Projeto Pedagógico de cada curso. No caso das Instituições Particulares, de modo geral, paira sobre o corpo docente uma espécie de espada que tem o significado de demissão a qualquer hora, assim como de redução da carga horária. Não há tempo e nem vontade para se cuidar dessa interação, uma vez que as preocupações mais imediatas e legítimas dos professores são outras e dizem respeito às suas próprias sobrevivências.

**REPC:** O Senhor acompanhou, desde o início, o processo de avaliação institucional da PUC-Campinas, O Sr. poderia comentar um pouco sobre o processo de avaliação institucional realizado pela PUC e sua relação com esse modelo mais amplo?

**Prof. Newton Cesar Balzan:** O processo desencadeado na PUC-Campinas assemelhava-se mais com o extinto PAIUB – início dos anos 1990 – do que com os processos ora em vigor. O lema *Avaliar para Aprimorar* já indicava tratar-se de um processo que tinha como meta a melhoria do processo ensino e aprendizagem, a ajuda aos diretores e docentes para que pudessem proporcionar mais amplas e ricas experiências de vida universitária aos alunos, melhores condições de infra-estrutura ao corpo docente e discente. Não se pensava em punição, mas sim em apoio, ajuda para se alcançar aquilo que denominávamos *qualidade em nível de excelência*. Em poucas palavras: contamos com respostas fornecidas por 1948 estudantes sob a forma *papel*. Lidamos com cerca de 395 mil repostas fechadas e 24 mil frases escritas por alunos concluintes de graduação. Realizávamos nossas atividades de análises dos resultados e nos dirigíamos aos diferentes cursos na medida em que éramos solicitados por seus coordenadores a apresentar e discutir nossas conclusões. Trabalho extenuante e, ao mesmo tempo, muito gratificante.

**REPC:** No caso específico da pós-graduação, a avaliação realizada pela CAPES tem sido considerada exemplar. De sua experiência, bem como com base nos inúmeros estudos que o Senhor tem realizado a respeito de qualidade da educação, o Senhor considera que o modelo de avaliação da CAPES é indutor de melhoria da qualidade desse nível educacional?

**Prof. Newton Cesar Balzan:** Tenho dúvidas. Penso que o modelo adotado pela CAPES deveria adaptar-se à realidade dos cursos de pós-graduação. A não ser que tenha havido alguma mudança e eu não esteja a par, o modelo que prevalece é o das Ciências Biológicas, não se aplicando integralmente às Ciências Humanas em geral. Trata-se de um modelo muito quantitativo, que nos amarra muito a um determinado período de tempo. Exemplo: se, por um lado, é inadmissível prolongar-se por anos e anos a elaboração de uma dissertação de mestrado ou de uma tese de doutorado, por outro lado os prazos estabelecidos, extremamente

rígidos, impedem que uma determinada pesquisa possa atingir um nível de excelência, ficando apenas num nível médio. Sim, deve haver avaliação e a contribuição da CAPES tem sido positiva. No entanto, o processo deve ser melhorado, distanciando-se do modelo americano. Sempre achei que um Florestan Fernandes ou um José Leite Lopes – apenas para me referir a dois grandes nomes de duas diferentes áreas do conhecimento – jamais teriam produzido tudo aquilo que produziram se tivessem que se submeter aos critérios da CAPES. Como conciliar a alta criatividade e genialidade de ambos com o enquadramento rígido proposto por ela?

**REPC:** Como o Senhor vê, então, a CAPES assumindo responsabilidades pela formação dos professores da educação básica?

**Prof. Newton Cesar Balzan:** Claro, teria que se adaptar à realidade, isto é, formação de excelentes professores para a educação básica. Excelentes professores, significando pessoal com elevado nível de cultura geral, além das habilidades necessárias para trabalhar com alunos nas diferentes faixas etárias e originários de diferentes complexos socioculturais. Ora, como conseguir isso considerando que o Estado líder da nação paga um salário de apenas R\$ 1.529,00 para 40 horas semanais de trabalho dos professores da rede pública e chegou, há poucas semanas atrás, ao desprante de dizer que os 10 minutos que separam uma aula da outra deveriam ser dedicados à correção de trabalhos dos alunos e à preparação de aulas? Chegou-se ao extremo de se propor acréscimos nas remunerações de professores universitários que se dedicassem aos cursos de licenciatura. Isso prova a rejeição de nossos estudantes de nível superior em relação ao exercício do magistério em nível básico. Resumindo: o modo de encarar a educação de nossas crianças e adolescentes pelo Governo Central, pelos Governos Estaduais e Municipais é uma verdadeira piada. Não há CAPES, não há *Paulos Freires* capazes de mudar isto que aí está enquanto o professor não for de fato VALORIZADO. Portanto: por longo tempo, ainda, a educação básica em nosso país será de péssima qualidade. Por quê? Porque isso vai de

encontro aos interesses tanto dos velhos coronéis – que felizmente estão morrendo – como da nova geração - *neo-coronéis* - da mesma estirpe, que se forma a olhos vistos. Vejam-se, como exemplos do primeiro caso, Maranhão e Bahia e, do segundo caso, as coligações para a recente eleição de prefeito de Belo Horizonte.

**REPC:** Prof. Newton, estivemos discutindo a avaliação mais no âmbito da qualidade do ensino, de avaliação institucional, porém, antes de terminar, gostaria de fazer uma questão relativa a avaliação educacional. Durante o tempo de realização do Programa de Estágio e Capacitação Docente na Unicamp, que visava oferecer aos doutorandos da universidade formação pedagógica para atuação no ensino superior, o Senhor costumava realizar encontros a respeito de avaliação, sendo esta uma temática que sempre gerava polêmicas. O que o Senhor teria a dizer, hoje, sobre as práticas avaliativas realizadas pelos professores universitários em suas aulas?

**Prof. Newton Cesar Balzan:** Há poucos anos uma professora de Direito, minha orientanda de mestrado, me contou que seus alunos de 3º ano lhe perguntaram, alguns dias antes da prova: *Professora, na sua prova vão cair questões de pegadinhas?* Se fizeram essa pergunta, é porque isso costuma acontecer, por incrível que pareça, nos diferentes cursos e não apenas no Curso de Direito. Ainda se procura constatar o que o aluno não sabe em vez de se procurar saber o que ele terá aprendido. Como eu costumava dizer nas palestras e discussões no *Programa Estágio e Capacitação Docente-Unicamp*, “a avaliação é apenas a ponta de um *iceberg*”. Ela apenas reflete as concepções que os docentes têm sobre seus verdadeiros objetivos - passar e cobrar informações - e não os objetivos que escrevem em seus programas e planos – “despertar a curiosidade...” “... desenvolver o pensamento crítico...” etc. As avaliações que tenho tido oportunidade de presenciar, às vezes beiram ao ridículo. Exemplo: avaliações integradas em que cada professor apresenta duas questões de sua disciplina, que devem ser juntadas às demais questões, formuladas pelos docentes

das outras disciplinas. Onde está a prova integrada? Em outros casos, avalia-se por meio de outros critérios, além de provas. Se isso, por um lado, é bastante válido e necessário, por outro lado, os resultados, de modo geral, além de injustos, são superficiais. Acaba-se atribuindo nota máxima a todos os componentes de um determinado grupo, para um trabalho medíocre, de cuja execução apenas um ou dois alunos de fato teriam trabalhado.

**REPC:** O Sr. gostaria de tecer alguma outra consideração a respeito da temática?

**Prof. Newton Cesar Balzan:** Sim, gostaria de tecer algumas considerações suscitadas pela questão sobre o Programa Estágio Capacitação Docente-Unicamp:

a) Esse Programa foi considerado como excelente, tanto pelos doutorandos que dele participaram, como pelos próprios professores que nele atuaram. Foi extinto.

b) O PAIUB contou com enorme entusiasmo por parte dos professores que dele participaram, sob a coordenação do Prof. Dr. José Dias Sobrinho. A adesão ao Programa era livre, fato que não impediu que, ao final de três anos, contássemos com a participação de mais de cem instituições. Os resultados eram altamente promissores. Foi extinto.

c) Nos anos sessenta do século passado desenvolveu-se no Estado de São Paulo uma experiência que marcou positivamente a vida de professores – mais de 600 – e de alunos – milhares – que deles participaram. Trata-se dos Ginásios Vocacionais, provavelmente o mais bem sucedido Projeto Educacional do século 20. Afirmo isso a partir de projetos com fins semelhantes e com os quais tomei contato em diversos países. Posso citar, como exemplo, um projeto desenvolvido em Harvard, também nos anos 1960. Os vocacionais deram certo e, com ligeiras modificações, poderiam expandir-se por toda a rede pública. Foi extinto. Um lembrete: o de Harvard também foi extinto. Lá, pelo fundamentalismo protestante. Aqui, pela ditadura militar.

d) Em 1987, os candidatos ao ingresso na Unicamp se depararam pela primeira vez com provas de redação cujo peso, na primeira fase, correspondia a 62,5% do total das questões. Afirmava-se então que *quem não soubesse escrever não ingressava na Unicamp, mas que só escrever bem não bastava, pois os conteúdos exigidos na 2ª fase cobravam dos vestibulandos conhecimentos específicos do ensino médio*. Esses exames passaram a ser conhecidos como *Os Novos Vestibulares da Unicamp*. Foram cada vez mais aperfeiçoados, chegando-se a um nível muito alto de integração de conhecimentos. Exemplo: os Vestibulares de dois anos atrás, cujas questões giraram – todas – em torno do bio-diesel/cana de açúcar. *Os Novos Vestibulares da Unicamp* tiveram forte influência no ensino médio de muitas escolas que passaram a atribuir alto valor à leitura, à interpretação de textos, à cultura geral de seus alunos. Agora surgem informações de que ele será extinto em breve. Sim, extinto se de fato for substituído por provas tipo testes de múltiplas escolhas – *as famosas cruzinhas* – que privilegiam a memorização de conteúdos, isto é, a *decoreba*. Por que essa triste regressão, se o modelo circulou por todo o Brasil, se seu formato foi adotado por muitas outras Instituições de Ensino Superior e tem sido uma das *marcas positivas da Unicamp*? Porque o que importa é tornar o processo mais simples e rápido, priorizar a eficiência e a eficácia e, acima de tudo, porque permite cortar custos, enxugar a *máquina*, isto é, reduzir o número de pessoas envolvidas no processo de leituras e correções de milhares de redações e das respostas fornecidas às questões específicas das disciplinas do Ensino Médio. Tudo, absolutamente tudo, dentro e de acordo com a

atual onda de neoliberalismo, carro-chefe da cultura e da economia deste início de século.

e) Há 48 anos foi concebido um modelo de Universidade que priorizava cérebros, bibliotecas e laboratórios. A integração de conhecimentos e a interação professor-aluno ficava assegurada desde o primeiro dia do ano letivo. A concepção de Darcy Ribeiro para a Universidade de Brasília era uma luz que apontava para o século XXI. Foi extinta antes que a primeira turma se formasse.

f) Em período mais recente, a genialidade de Darcy Ribeiro deu origem aos CIEPS, no Rio de Janeiro. Prédios bonitos, claros, bem ventilados. Professores e alunos em tempo integral. As crianças entravam de manhã, tomavam banho, recebiam o “café da manhã”, assistiam a aulas, almoçavam e, a seguir, tinham atividades ligadas aos esportes, às artes e à literatura. Tomavam banho e tinham a “hora do lanche” no final da tarde, antes de voltarem para suas casas. Haveria, por acaso, outra maneira de salvar as crianças das classes menos favorecidas do Rio, livrando-as das atividades perigosas junto aos motoristas – *vendedores de balas, pedintes, flanelinhas* - e mesmo ilegais – “aviõezinhos”, por exemplo? Creio que não. Mas em lugar de aplausos, houve uma grita geral contra os CIEPS, que contou até mesmo com a participação de profissionais da esquerda. Sob desculpas de *estilo pelego*, afirmava-se que, a partir daí, haveria cisão na classe dos professores, que seria ilegal o fato de os professores dos CIEPS receberem salários maiores que seus colegas das demais escolas *que estariam desempenhando as mesmas funções* e outras afirmações, todas sem fundamentos. Os CIEPS apontavam para uma solução. Foram extintos.

